

Bastidores da criação artística: um olhar sobre a Crítica Genética

O campo de estudos ligados à Genética é amplamente conhecido em diversas áreas do saber científico: na Medicina e nas Ciências da Saúde, na Veterinária, na Botânica, na Agronomia; e isso em diversos níveis, desde o ensino básico até os ciclos mais avançados ligados à pesquisa. O que nem todos sabem é que também no campo das Letras e das Artes, pesquisadores se debruçam sobre a gênese ou o processo de criação de escritores e artistas, que deixam pistas do trabalho de composição de suas obras em manuscritos.

AUTORAS

Viviane Araujo Alves da Costa Pereira - Professora da área de Francês da UFPR, com doutorado em Letras, Área de Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos do Francês. É mestre Letras, Área de Literatura e Vida Social, Integra o grupo de pesquisa Relações França-Brasil: literatura e cultura. Atua em Teoria Literária, literaturas em língua francesa, crítica genética.

Maria da Luz Pinheiro de Cristo – Historiadora com doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada e mestrado em Língua e Literatura Francesa pela USP. Pós-doutora pelo PNAP-R da Fundação Biblioteca Nacional. Atua em Letras, literatura contemporânea, manuscritos, crítica genética, memória e Milton Hatoum. É organizadora do livro *Arquitetura da Memória*, e está entre os autores do volume *Protocolos Críticos*.

A Crítica Genética ligada aos arquivos de escritores e artistas passou por algumas transformações ao longo desses mais de 50 anos de presença no campo científico, desde o desejo de desvendar a gênese de uma obra à apreensão contemporânea dos manuscritos como documentos de um processo de criação sujeito à leitura e à manipulação por parte do pesquisador. Também denominada Estudos Genéticos, teve início em 1968, com a doação para a Biblioteca Nacional da França (BnF) dos manuscritos do poeta alemão Heinrich Heine.

O Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS) criou uma equipe de pesquisadores germanistas responsável por organizar o conjunto de documentos, e a equipe enfrentou problemas metodológicos, que os obrigou a criar novas metodologias de abordagem dos manuscritos. Outros grupos de pesquisadores foram criados para pesquisar manuscritos de vários autores, por exemplo, Marcel Proust, Gustave Flaubert, Émile Zola, Paul Valéry, e o diálogo entre esses grupos resultou na criação de um laboratório próprio no CNRS: o Institut des Textes et Manuscrits Modernes (ITEM).

Em 1985, o pesquisador Philippe Willemart organizou em São Paulo o I Colóquio de Crítica Textual: o Manuscrito Moderno e as Edições, na Universidade de São Paulo, introduzindo assim a Crítica Genética no Brasil. Dois acontecimentos importantes decorreram desse encontro: a fundação da Associação de Pesquisadores do Manuscrito Literário (APML), especialmente pelas mãos de Cecília Almeida Salles, Sônia Maria Van Dick e Telê Ancona Lopez; hoje renomeada Associação de Pesquisadores em Crítica Genética (APCG), responsável por congrega e realizar encontros entre pesquisadores de todo o Brasil, e o mesmo grupo fundou a *Manuscritica: Revista de Crítica Genética* em 1990.

De modo geral, a proposta de trabalho é observar nos manuscritos as transformações, deslocamentos, condensações, rasuras, acréscimos, cortes, enfim, todos os elementos que compoem o processo de criação. Dessa forma, tomam-se os manuscritos como um espaço que detém uma dinâmica própria. O termo “manuscrito” precisa de um esclarecimento: já não se trata necessariamente de textos escritos à mão pelos autores, mas antes de todo documento que aponta para o processo de criação de uma obra. Dessa forma, anotações,

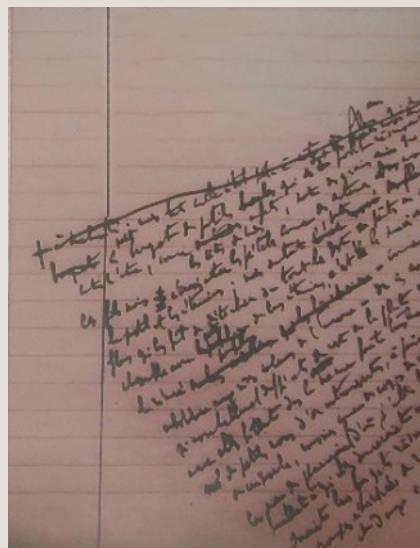
cadernos e bilhetes se somam, no mesmo sentido, à correspondência do escritor, às notas marginais deixadas em livros de sua biblioteca, a edições publicadas, por exemplo, em jornal, e depois retrabalhadas em outro suporte, como o livro.

Essa lista não exaustiva ilustra algumas possibilidades de materiais de pesquisa na área; o diferencial será sempre o recorte proposto pelo pesquisador. Trata-se de uma transformação conceitual e operacional importante dentro da Crítica Genética: em seus momentos inaugurais, o objetivo era retratar a gênese de determinado texto e, em alguma medida, decifrar as intenções do autor.

No entanto, mesmo diante de arquivos fartamente documentados, a busca por certezas quanto à origem ou à gênese de uma obra suscita dúvidas: os manuscritos deixados pelo artista para a posteridade são aqueles que ele quis deixar e, por isso mesmo, podem representar apenas parte de um processo muito mais amplo. No Brasil, os estudos ligados ao processo de criação contribuíram de maneira fundamental para esse deslocamento: da certeza da gênese para o recorte operado pelo pesquisador que escolhe observar os movimentos de uma criação em processo.

A ampliação do horizonte teórico permitiu, na prática, o estreitamento da relação entre a Crítica Genética e outras vertentes da Teoria Literária, a Estética da Recepção ou os Estudos Culturais, bem como o diálogo com outras artes: a Fotografia, o Cinema, o Teatro, artes da performance para as quais as fronteiras entre manuscrito e texto publicado, ou definitivo, são ainda mais fluidas do que na literatura. A interdisciplinaridade surge não apenas como uma possibilidade, mas como uma contingência sob a perspectiva contemporânea dos estudos genéticos.

De maneira análoga, também se destaca a ampliação das fronteiras territoriais: no Brasil, pesquisadores de todas as regiões têm contribuído tanto para o campo de estudos quanto para a institucionalização e preservação de acervos de artistas e escritores. É possível apontar a frutífera relação entre grupos de pesquisa e centros de documentação, como o Delfos: Espaço de Documentação e Memória Cultural, ligado à PUC-RS; o IEB: Instituto de Estudos Brasileiros, vincula-



do à USP; e o Acervo de Escritores Mineiros, da UFMG, entre tantos outros. Ainda, importantes contribuições são articuladas em torno de grupos de crítica genética: notadamente, na PUC de São Paulo, a professora Cecília Almeida Salles coordena o Grupo de Pesquisa em Processos de Criação. No Piauí e na Bahia, em Santa Catarina, no Rio de Janeiro e no Amazonas, pesquisadores atualizam constantemente a área por meio de sua diversidade de recortes e posturas metodológicas.

A diluição das fronteiras se faz ver ainda mais intensamente quando consideramos que o interesse crescente pelos bastidores da criação artística é favorecido por meios tecnológicos, que disponibilizam amplo acesso de leitores/espectadores ao making off de uma obra. Documentos de criação, especialmente contemporânea, podem ser acessados a partir de casa, do computador ou do telefone celular; bibliotecas disponibilizam o fac-símile de manuscritos; em plataformas de vídeo, temos uma infinidade de entrevistas com escritores; nas redes sociais, artistas compartilham as etapas da composição de suas obras: testes de luz para fotografia, movimentos de dança, estágios do design de um produto.

Ampla e diversa, a Crítica Genética dialoga com as mudanças epistemológicas que têm transformado nossa percepção quanto à criação artística. Se, no início, o objetivo final era identificar e analisar a gênese até chegar ao texto definitivo, medida última de verificação, hoje percebe-se o interesse pela dinâmica de movimentos própria aos documentos de processo. Afastadas as cortinas, a dança dos bastidores se coloca em cena sob o olhar do pesquisador.